



COLÔMBIA

Rorigo Buendía/AFP



Com a camisa amarela da seleção nacional, o direitista De la Espriella festeja em Barranquilla

Raúl Arboleda/AFP



Iván Cepeda, candidato da esquerda, fala aos simpatizantes em Bogotá: resultado frustrante

Direita confiante para o tira-teima

Com apoio formalizado da terceira colocada na disputa presidencial, o "azarão" Abelardo de la Espriella larga como favorito para o segundo turno, dentro de três semanas, contra o senador Iván Cepeda, da esquerda governista

» SILVIO QUEIROZ

Os primeiros movimentos da campanha para o segundo turno da eleição presidencial, no domingo 21 de junho, parecem deixar claro que a Colômbia viverá três semanas de um confronto com pouca margem para cortesia e quase nenhuma convergência. O candidato da extrema-direita trumpista, Abelardo de la Espriella, que contrariou as pesquisas e venceu a primeira etapa, com 44% dos votos, deu a largada para o tira-teima tratando de empurrar para a defensiva o senador esquerdista Iván Cepeda, candidato do presidente Gustavo Petro, que liderava as sondagens, mas saiu das urnas com 41% e busca na limitada "sobra" dos votos dados a terceiros postulantes os que lhe faltam para virar o jogo.

Não por acaso, Cepeda, que se recusou a debater com os rivais no primeiro turno, tratou de propor ao adversário um confronto público. "Desafio o candidato Abelardo de la Espriella para um debate político e eleitoral", disse ontem Cepeda, de 63 anos, exigindo "condições para a realização" do encontro — sem

Diego Vera, professor de relações internacionais da Pontifícia Universidade Javeriana (Bogotá)

Abelardo de la Espriella sai como favorito para o segundo turno?

Sim, e o surpreendente não é que tenha passado ao segundo turno, mas que tenha sido com três pontos percentuais acima de Iván

especificar quais seriam. "Agora você vai debater, seu covarde? Você se escondeu enquanto seu chefe (Petro) fazia campanha para você, e vocês fracassaram", respondeu o candidato de extrema direita, um advogado milionário de 47 anos, estreante na política institucional. Na primeira etapa da disputa, o candidato governista recusou debates por conta de "ataques pessoais" e da "cultura de espetáculo".

"O resultado do primeiro turno, na Colômbia, confirma o contexto que já temos na América Latina, de alta

polarização, com o segundo turno entre um candidato ultraconservador e um de esquerda, de viés mais socialista", disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Roberto Uebel, coordenador do Núcleo de Estudos e Negócios Americanos da ESPM. "Praticamente há meia década, esse tem sido o nosso perfil." Uebel avalia que De la Espriella, no papel de candidato "antissistema", agregou em torno de si o voto contrário ao governo Petro, que teria fragilizado a economia e se colocado em

rota de confronto direto com os EUA. "Difícilmente a esquerda conseguirá reverter o quadro", arrisca. É parecida a expectativa de Diego Vera, titular de relações internacionais na Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá. Em especial, com o anúncio formal da terceira colocada, Paloma Valencia, da direita alinhada ao ex-presidente Álvaro Uribe, de que apoiará De la Espriella na votação de 21 de junho. "Nesse caso, Cepeda deve ser derrotado" por um candidato que se apresenta como "um outsider

Há caminho para Cepeda virar o jogo?

Ele tem opções diretas e indiretas. Uma é aceitar que, agora, debater com o adversário é uma necessidade. Mas, diferentemente de Petro, Cepeda não tem o mesmo carisma e a capacidade de improvisação diante de públicos mais amplos. É seguro que sua campanha vai recorrer a ataques contra o passado de um advogado da

direita, embora isso não deva render muitos votos. É certo, também, que tentarão acionar todos os recursos de governo disponíveis. Pensando no eleitor médio, o que conviria mais a ele, além de apresentar um programa claro, é moderar o discurso revolucionário e apostar na conciliação nacional, para tentar atrair votos de candidatos mais ao centro. (Silvio Queiroz)

lembra a dinâmica interna da gangorra política em seu país. "Com Álvaro Uribe (2002-2010), tivemos uma primeira experiência política de mão dura contra o terrorismo", explica, invocando a "guerra total" contra a guerrilha de esquerda, que produziu, em 2018, a desmobilização da maior parte dos seus contingentes. Depois dos últimos anos da "paz total" de Petro, empenhado em negociações com remanescentes da insurgência e cartéis do narcotráfico, "a Colômbia parece cair na armadilha do pêndulo entre os extremos político-ideológicos".

É por essa perspectiva que o estu-dioso da ESPM vê a reação inicial do presidente, que se recusou inicialmente a aceitar os resultados preliminares anunciados pela autoridade eleitoral e lançou a suspeita de fraudes, em especial em torno da baixa taxa de comparecimento dos eleitores. "Petro parece ter ido para o tudo ou nada, com declarações muito questionáveis", observa Uebel. "Acredito que ele tentará polarizar ao máximo para conseguir votos para Cepeda, mas ele próprio passa por uma crise de legitimidade."

Duas perguntas para

ORIENTE MÉDIO

Netanyahu ameaça Beirute; Irã e EUA se contradizem

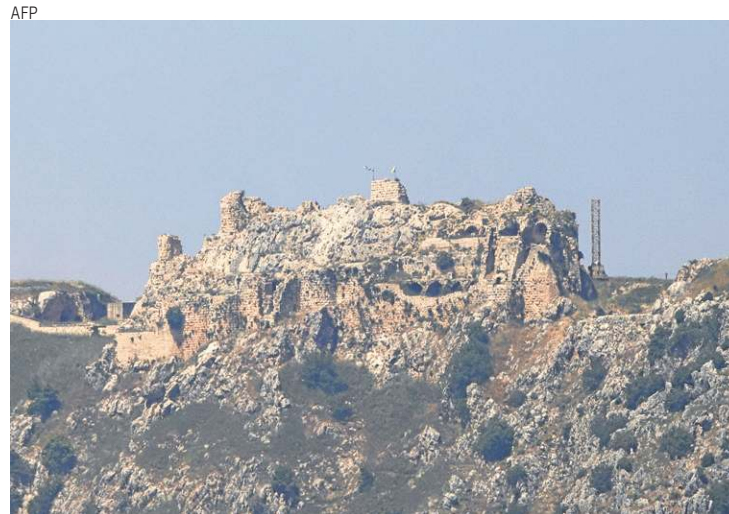
» RODRIGO CRAVEIRO

Estados Unidos e Irã adotaram posições antagônicas em relação às negociações de cessar-fogo. O presidente dos EUA, Donald Trump, declarou que as conversas com Teerã avançaram rapidamente. "As conversas continuam, em ritmo acelerado, com a República Islâmica do Irã. Obrigado pela atenção a este assunto!", escreveu o republicano em sua conta na Truth Social. No entanto, a agência de notícias iraniana Tasnim anunciou que o regime do país persa suspendeu as negociações. Segundo a Tasnim, a decisão foi tomada devido aos "crimes" que Israel "continua cometendo" no Líbano e às violações "em todas as frentes" do cessar-fogo entre Teerã e Washington firmado em 8 de abril. "A equipe negociadora iraniana suspende, portanto, o diálogo e a troca de textos

através dos mediadores", indicou o meio de comunicação.

Trump assegurou que Israel e o movimento fundamentalista xiita libanês Hezbollah acordaram interromper os combates. O titular da Casa Branca revelou que o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, prometeu que não fará uma incursão terrestre no sul de Beirute. No entanto, o chefe de governo do Estado judeu avisou que ordenará ataques contra a capital do Líbano se o Hezbollah não cessar as hostilidades. "Esta tarde conversei com o presidente Trump e lhe disse que, se o Hezbollah não parar de atacar nossas cidades e nossos cidadãos, Israel atacará alvos terroristas em Beirute", disse Netanyahu.

Pouco depois, a Embaixada do Líbano em Washington divulgou um comunicado em que afirma que as autoridades libanesas



Bandeiras de Israel dominam castelo medieval no sul do Líbano

receberam a confirmação da acórdância do Hezbollah em relação à poposta dos EUA, que clama pela pausa recíproca nos ataques. No

front, as Forças de Defesa de Israel (IDF) capturaram um castelo do período das Cruzadas na região de Marjayoun, no sul do Líbano. A

estratégica fortaleza de Beaufort, também conhecida como Qalaat al Shakif, tinha sido usada como base israelense durante a ocupação anterior, que durou duas décadas e terminou em 2000.

Eugene Gholz, especialista em segurança nacional e cientista político da Universidade de Notre Dame, lembrou ao **Correio** que uma negociação exige o envolvimento de ambas as partes. "Se os iranianos não quiserem negociar, as perspectivas de um acordo significativo são mínimas. Mas ambos os lados também mudam de ideia um dia e retomadas no dia seguinte. É possível que uma facção no Irã queira suspender as negociações enquanto outra queira continuá-las", explicou. "Não temos muita informação sobre qual facção está realmente no

comando — ou se alguma delas está de fato no comando."

Desalinhamento

Em relação à ofensiva de Netanyahu no Líbano, Gholz disse que os Estados Unidos têm tido dificuldades na contenção de Israel por anos. "Isso ficou muito evidente em relação ao Irã", destacou. Ele suspeita de que Trump quer fazer um acordo e mostra-se frustrado ante o fato de que os israelenses não parecem muito interessados em interromper a guerra. "Netanyahu e outros líderes israelenses têm dito várias vezes que estão inclinados a acelerar os ataques — a causar o máximo de danos possível ao Hezbollah antes que qualquer cessar-fogo ou acordo de paz seja negociado e imposto. Basicamente, os interesses de Israel e dos EUA não estão alinhados no momento", observou Gholz.